

# A última viagem

*Laurent Gaudé*

Traduzido do francês por  
Isabel St. Aubyn

SEXTANTE EDITORA  
FICÇÃO



1  
Dança, em Babilónia

Ao primeiro espasmo, ninguém se apercebe de nada e os que o rodeiam continuam a rir-se. Um leve movimento dos ombros, como para se proteger de um toque invisível, um gesto ínfimo que se dilui no tumulto do banquete, debruça-se ligeiramente para a frente e leva a mão ao ventre. A dor é tão aguda que o paralisa durante alguns segundos, mas antes de gritar, antes mesmo de ter tempo para se amedrontar, a dor desaparece. A música à sua volta é cada vez mais intensa, cafar-naum de risos, flautas e tambores. Retoma o fôlego. Sentiu, nas entranhas, aquela coisa que cresce – uma espécie de definhamento do corpo, mas a dor passou tão depressa que se sente estupefacto. Ergue a cabeça, observa que à sua volta os convivas continuam a rir sem que ninguém tenha visto nada, e então pede que voltem a servi-lo.

Ela acaba de se levantar, e o ar da manhã, frente às altas montanhas de Aria, despiu-se dos sons do mundo: voo de pássaros, sopro de vento, clamor longínquo... Tudo frio e imóvel. Está longe de Babilónia, no terraço deste templo suspenso que escolheu como refúgio. Os sacerdotes levantam-se, também eles, uns atrás dos outros, como todas as manhãs, para executarem em silêncio as suas obrigações. E depois, de repente, um deles imobiliza-se nas muralhas apontando para a planície. «Olhem!» Ela faz como os outros, avança, célere, para o murete, impaciente por ver o que ele indica, mas no momento em

que pousa a mão no rebordo, sente o ar carregar-se de ameaças à sua volta.

Ele pegou de novo no copo e bebe à maneira da Macedónia, como fazia o pai, ingerindo grandes goles, sem adicionar água ao vinho, até se embriagar e cambaleiar. Quando pousa a taça em cima da mesa, tenta erguer-se mas não consegue e cai pesadamente na cadeira. O álcool faz-lhe a cabeça andar à roda. Sente que os olhares convergem para si. Ninguém viu que foi acometido de uma dor mas toda a gente se apercebe de que está ébrio. Os rostos que o rodeiam alteram-se. Quando se embebeda assusta-os. Desde o banquete de Samarcanda, onde matou com as próprias mãos o irmão de sangue Cleithos, empalidecem quando veem que o vinho o leva a perder a consciência. Já ninguém se atreve a dizer o que irá acontecer quando o álcool lhe tolda a visão e entaramela a dicção... Procura pegar na taça que se encontra à sua frente e que alguém acaba de encher de novo mas tem os gestos entorpecidos. É como se a mão não lhe pertencesse. Desloca-se com uma extrema lentidão e parece contornar os objetos que devia apreender. Seleuco, que está ao seu lado, observa-o, assim como observa que Alexandre quer falar e não consegue, mas não diz nada. Não se atreve. Na outra ponta da sala, um grupo aplaude Ptolomeu, que dança no meio dos músicos, procurando imitar as mulheres do reino de Sambos. Tronco nu, corpo sujo de vinho, o general macedónio grita, ri, e todos os que o rodeiam batem palmas para ritmar a dança obscena. Alexandre fixa-os sem que seja possível dizer se o barulho que fazem o irrita ou delicia. Há semanas que vivem assim, de banquete em banquete, há semanas que fogem da luz do dia que lhes trespassa o crânio depois das noites de embriaguez. Comem de cada vez como se fosse a última refeição, cantam todas as noites como se quisessem repelir tanto quanto possível o momento em que o dia, tristemente, se elevará sobre as ruas desertas de Babilónia.

---

Primeiro, ela não vê nada. Franze os olhos. A voz do sacerdote ressoa de novo. «... Vem lá alguém...» Do terraço do templo, o olhar abarca toda a planície. Fixa a paisagem, ao fundo, e avista finalmente um rasto de pó que avança na sua direção. Os sacerdotes do templo comprimem-se, curiosos e inquietos, no rebordo do terraço. Por enquanto, só distinguem pó, ao longe. É preciso esperar, e os segundos são longos. Ela não desvia os olhos do horizonte. Não pode ser um só homem. É muito pó. Deve ser um grupo. Os sacerdotes aguardam. Apodera-se deles uma agitação nervosa. Fixam a paisagem aos seus pés, tentando avaliar a distância que os separa do cortejo que se aproxima. O templo está alcandorado na rocha, suspenso no ar, unido ao mundo dos homens por uma única escada que eles construíram com as próprias mãos. De quanto tempo precisarão os cavaleiros para chegar ao fundo da escada e iniciar a subida até à porta do templo? E que querem eles? Talvez se limitem a passar, devagar, pelo templo, sem se deterem, seguindo caminho para o Sogdiana? Talvez venham pedir víveres e água? Ela não se mexe, não diz nada. Já viveu aquilo. Ali mesmo, alguns anos antes, o mesmo instante que suspende de repente o ar do dia. Não sabe quem são, mas cresce nela a certeza de que vêm por sua causa.

Decidi viver escondida, aqui, longe do mundo dos homens, ao abrigo dos olhares, com o meu filho, sozinha no meio dos sacerdotes, que não perguntam nada e permitem que o tempo se escoe lentamente sobre cada dia que passa. Decidi dissimular-me na rocha destas montanhas para que me esqueçam, mas sei o que está para vir. É o Império. Nunca me deixará em paz. Finge esquecer-me, depois recupera-me, brinca constantemente comigo, onde quer que me esconda, com a ponta da pata,

com a crueldade de um gato. Não sou dona de mim. Ainda hoje o mundo voltou a encontrar-me. Que quer de mim? Aproxima-se. Não me mexo. Que espera de mim? Não devemos fiar-nos no silêncio da planície, é o tumulto que aí vem...

«Af Ashra!...» Alexandre levanta-se. Toda a gente vira a cabeça e o olha com espanto. Ele repete, gritando «Af Ashra!...» com autoridade, como se estivesse no meio de uma batalha, como se levantasse o braço para atacar a multidão de capacetes e de piques à sua frente. Os músicos quedam-se. Ptolomeu para de dançar e permanece imóvel, no meio da sala, braços caídos, corpo suado, um sorriso no rosto, sem saber que fazer, surpreendido por os risos se terem calado. Talvez recorde o rosto tumefacto de Cleithos, que gemia de boca aberta, língua azul, procurando um pouco de ar enquanto as mãos de Alexandre o matavam... Talvez tenha medo do amigo, pois começa a gritar por sua vez, transmitindo a ordem de Alexandre: «Mandem vir Af Ashra...» Peithon sai da sala para ir buscar o jovem requisitado. Alexandre aguarda, imóvel. Ouve o seu corpo. Sente que alguma coisa está a crescer dentro de si mas não quer pensar no caso. Quer Af Ashra porque só ele é capaz de expulsar o que o atormenta. Não quer voltar a pensar no mensageiro que recebeu esta manhã e que vinha de Aigai para lhe trazer palavras da mãe, Olímpia. Eram saudações cheias de amor. Há onze anos que não vê o filho e lamentava-se com ternura. Mas houve a interrogação final, após um longo discurso, a interrogação que desde então o persegue: «A quem pertences, Alexandre?» É Olímpia, a própria mãe, que faz a pergunta pela voz do mensageiro, e estas palavras ecoam na sua cabeça. Apercebe-se de que é incapaz de responder. A quem pertence ele? À Macedónia, por quem incendiou Persépolis, embora não quisesse fazê-lo? Ou ao reino aqueménida cujas insígnias agora usa? A quem?... A questão atormenta-o até o levar a vacilar. Agarra-se à mesa à sua frente. Tem de expulsar

tudo aquilo do espírito. Faz um gesto com a mão, como se estas imagens fossem moscas esvoaçando em seu redor. Quer música para dissipar as interrogações de Olímpia. Quer música para esquecer a perturbação e a dor. Agora, parece-lhe ver a mãe diante de si. Ouve o que ela não diz, o que ela não precisa de dizer, mas está contido na pergunta feita: censura-o pelo assassinio de Cleithos. Censura-o pelo casamento com Roxana, a criança morta nascida dessa união. Ouve-a e quer que a música abafe tudo. «A quem pertences, Alexandre?» Censura-o pela revolta dos falangistas em Opis, os velhos soldados, veteranos fiéis das suas campanhas, que se sublevaram e que foram dizimados com selvajaria, sim, ele agora mata gregos, é preciso que a música venha abafar tudo, agarra-se à mesa, está embriagado, um dos dois filhos de Antípatro aproxima-se para o amparar – talvez Iolas, a não ser que seja o outro, confunde-os sempre. Encara-o com ferocidade, e o jovem, branco como a cal, recua. Todos têm medo. «A quem pertences, Alexandre?» Este responde, só para si, lábios trémulos: à música.

Não é por mim que esperas, mas eu vou, aproximo-me. Há muito que me fiz ao caminho. Se soubesses, Alexandre... Ficarás atónito quando me vires, boquiaberto. Não perco um segundo. Ainda não sabes, mas temos os dias contados. Quero ver-te de novo, tenho tantas coisas a dizer-te, Alexandre. Quando me vires, hesitarás. Repetirás, incrédulo: «EriCLEOPS?... EriCLEOPS?... És mesmo tu.» Sim. Sou eu. Volto para junto de ti. Tenho de atravessar todo o Império mas nada, doravante, me poderá fatigar.

Ela distingue as insígnias ao longe, são as de Alexandre. O grupo define-se: oito cavaleiros, talvez nove... Um dos cavalos vem equipado com uma espécie de véu de tule que cai em cascata, vaporoso, sobre o cavaleiro, para o proteger do sol

e o subtrair aos olhares. É um visitante de categoria. Outra montada ostenta as cores do reino. Devem vir de Babilónia. É a guarda real. Os sacerdotes procedem como ela, observam cada pormenor. O tempo corre devagar. A coluna avança a passo. Mas, de repente, o cavaleiro da frente espicaça os flancos da montada e parte a galope, em direção aos primeiros degraus da escada que sobe para o templo. Não restam dúvidas: é deles que se aproximam. O resto da coluna, lentamente, desvia-se da estrada e também se aproxima. Observam então que o cavalo equipado com a gaze preta não traz cavaleiro. «É para mim», pensa ela imediatamente. Não diz nada. O cavaleiro destacado como batedor inicia a subida. Não se apeou. Esporeou os flancos do animal para que ele trepe os degraus. Será possível que conheça o lugar? Senão, como saberia que a escada é suficientemente larga para poder subi-la a cavalo? Os sacerdotes, à sua volta, não se mexem, deixando que o barulho dos cascos encha o ar. Nunca mais viverá a tranquilidade daqueles dias luminosos em que tudo é vasto. Ocorre-lhe então uma ideia. Ajoelha-se, cabisbaixa, sem olhar para nenhum dos sacerdotes, e dirige-se-lhes em voz alta.

Eu, Dripetis, filha dos séculos, ajoelho-me e imploro-vos: não abram a porta. Protejam-me. Gritem através da entrada ao visitante, seja ele quem for, que não me deixarão partir pela segunda vez. Sabem-no bem: vim para aqui para viver em paz, longe do mundo e de tudo. Quero estar fora do tempo. Com o meu filho, sozinha. Vim para aqui para não voltar a ser a filha de Dario. Deixei para trás a minha irmã – mulher de Alexandre – e tive forças para o fazer porque, abandonando o meu nome, me afastava da derrota e do luto. Suplico-vos. Estou aos vossos pés. Não me ofereçam aos que aí vêm.